

Livro reúne casos de pioneirismo feminino pouco citados ou omitidos da História oficial

TANIA NEVES

DA AGÊNCIA O GLOBO

Todo mundo que se interessa por esportes lembra que Maria Lenk foi a primeira mulher brasileira numa Olimpíada, em 1932. Mas quem registrou que a primeira negra incluída numa delegação olímpica foi Melânia Luz, em 1948? A primeira juíza federal do país foi a sergipana Maria Rita Soares de Andrade, nomeada em 1967, aos 63 anos. Ela era negra, mas os poucos registros sobre seu pioneirismo nem citam isso. Assim como foi difícil levantar a história de Mônica de Menezes Campos, a primeira negra que cursou o Instituto Rio Branco e fez carreira na diplomacia. Mas seria necessário frisar a cor da pele ao lembrar esses casos?

“Se as mulheres, de modo geral, tiveram sua contribuição omitida ou diluída na história oficial, as negras foram ainda mais desconsideradas. Nas consultas ao Itamaraty, por exemplo, por muitas vezes nos garantiram que não havia a tal primeira negra que a gente buscava. Insistimos muito até achar”, conta a pedagoga e pesquisadora Schuma Schumacher, que assina com Érico Vital Brazil o livro “Mulheres negras do Brasil” (Senac Editoras), com o qual querem contar nossos 500 anos tendo como fio condutor a participação das mulheres negras na construção do país. “O objetivo da pesquisa é abrir a cortina do passado e redescobrir esse Brasil negro e feminino”.

O livro é o segundo filhote do projeto “Mulher: 500 anos atrás dos panos”, lançado pela dupla em 1997 para garantir que, entre as muitas iniciativas culturais para comemorar nossos cinco séculos de existência, houvesse algumas contemplando quem fora sistematicamente banido até então. No “Dicionário de mulheres do Brasil”, publicado em 2000 pela Jorge Zahar Editor, Schuma e Érico enfileiraram 900 verbetes sobre brasileiras ilustres, muitas negras entre elas. Mas partiram para um livro específico ao perceber que as poucas informações e referências sobre a participação das negras estavam completamente dispersas por aí, correndo o risco de se perder.

TIA EULÁLIA

Primeira mulher a fundar uma escola de samba, surgiu em 1947 a escola de Samba Império Serrano. Que este ano defenda na avenida o enredo “Ser diferente é normal”



FOTOS: DIVULGAÇÃO

As negras que fizeram o país

“Muitas histórias desse segundo livro surgiram a partir das nossas viagens país a fora para lançar o “Dicionário”. Alguém se aproximava, contava algo sobre uma mulher negra que fora pioneira em alguma área ou quebrara algum tabu (e não estava citada naquele livro), e lá fomos nós atrás das evidências”, relembra Érico. “Em boa parte das vezes só tínhamos esse relato oral, nada registrado. Teve muita gente que só achamos pela lista telefônica, não havia qualquer outra pista”.

Schuma e Érico afirmam que nunca tiveram a pretensão de fazer uma pesquisa definitiva nem aprofundada, mas sim de reunir e sistematizar num único volume informações que podem vir a ser desdobradas em futuras publicações, conforme instigarem o interesse de alguém.

“Queremos que o “Mulheres negras do Brasil” cumpra o papel de uma provocação, no bom sentido. Como seria impossível registrar todas as importantes contribuições de mulheres negras pelo país a fora, ou mesmo dar o amplo espaço que cada uma dessas histórias merecia, tomara que pessoas que sentirem que sua terra ou uma conterrânea sua foi pouco falada resolvam escrever outro livro para aprofundar o tema”, diz Schuma.

O livro se divide em quatro capítulos e muitos subcapítulos. Quando se abordam os anos do Brasil Colônia, a presença da mulher negra na economia já é marcante: o comércio nas ruas das cidades, por exemplo, era feito quase que exclusivamente por escravas ou negras que haviam comprado a própria alforria. Com suas roupas coloridas e tabuleiros na cabeça, elas eram maioria nas ruas — mas pareceram invisíveis aos olhos dos cronistas e desenhistas da época. Segundo Érico Vital Brazil, as aquarelas da viajante Maria Calcot, na página ao lado, estão entre os raros registros iconográficos dessa atividade. A foto maior traz a reprodução de uma pintura de Paula Baiana, a primeira fuzileira naval honorária do país. Vinda da Bahia para o Rio em 1895, conquistou a simpatia dos fuzileiros com as guloseimas de seu tabuleiro. Ganhou o direito de explorar uma cantina na Ilha das Cobras e nos anos 1920 desfilava com sua saia branca engomada e o dólma vermelho com botões dourados, em cerimônias como o Sete de Setembro.

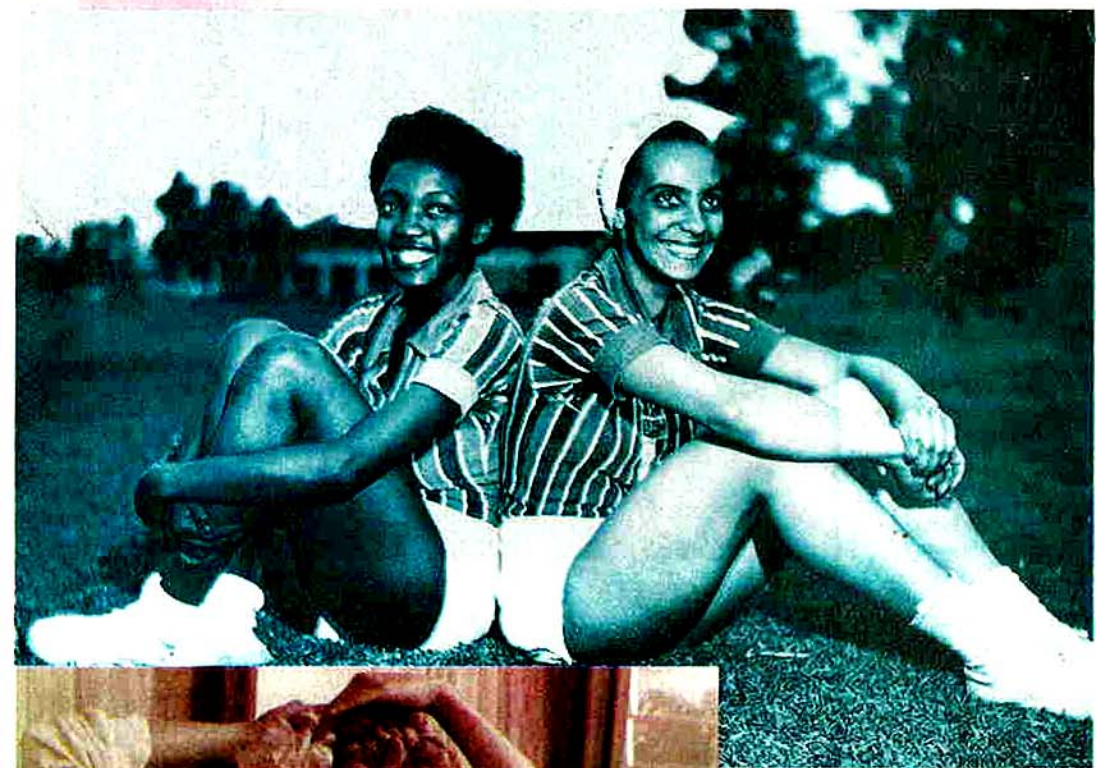
“Ela passava a tropa em revista com o cesto na cabeça”, conta Schuma — É até hoje é festejada pelos fuzileiros.

Miss Brasil negra: primeira e única

Shumacher e Érico Vital Brazil estavam em Porto Velho para o lançamento do “Dicionário de mulheres do Brasil”, anos atrás, quando tiveram a atenção chamada para o uso e o abuso de um termo que só depois perceberam ser um gentílico. Era um tal de “a professora barbadiana” para lá, “o juiz barbadiano” para cá, “o escritor barbadiano”... “Quando percebemos que isso era referência à ascendência deles, netos e bisnetos de negros de Barbados que imigraram para o Brasil para ajudar na construção da ferrovia Madeira-Mamoré, vimos que estava ali um exemplo marcante do orgulho de um determinado grupo com sua raça. Não é imperdoável que isso fique sempre fora da História, fora dos livros, porque quem escreve é a parte vencedora, dominante, e os negros estavam do outro lado?”, pergunta-se Schuma, animada com o fato de que o patrocínio do Banco do Brasil e da Petrobras ao projeto permitirá que os primeiros 3.200 exemplares do livro sejam distribuídos a centros de pesquisas e organizações que trabalham pela superação do racismo no Brasil. “Já fico imaginando futuros livros didáticos que se inspirem nesse nosso humilde registro para

levar aos estudantes as contribuições importantes à História do Brasil que essas e outras tantas mulheres negras deram”. Capítulos especialmente interessantes são os dedicados às pioneiras, que rasgaram panos e romperam tabus. Neles se fica sabendo, por exemplo, que a gaúcha Deise Nunes foi a primeira Miss Brasil negra, eleita em 1986, 32 anos depois da criação do concurso. E que continua sendo a única até hoje, quando a premiação chegou à sua 52 edição. No Theatro Municipal, Mercedes Batista foi a primeira negra a integrar o corpo de baile — mas nunca interpretou um papel principal. E Zaíra de Oliveira, a primeira mulher do compositor Donga, foi pioneira ao conquistar um prêmio de canto no Instituto Nacional de Música, em 1921, mas não pôde receber porque era... negra. Melânia Luz, a primeira negra a participar de uma Olimpíada, em 1948, foi atleta do São Paulo Futebol Clube, mas os pesquisadores só conseguiram uma fotografia e mais detalhes sobre sua carreira ao encontrar Wanda dos Santos, que participou da edição seguinte dos jogos olímpicos e foi companheira de clube de Melânia.

E já que os ares atuais são de carnaval, vale lembrar que foi na casa de Tia Eulália, com intensa participação dela, que surgiu em 1947 a escola de Samba Império Serrano. Que este ano defenda na avenida o enredo “Ser diferente é normal”. “Mostrar o quanto as mulheres negras de fato ajudaram a construir este país, é nossa contribuição para a superação do racismo, que não é uma tarefa só dos negros, mas de toda a sociedade — diz Schuma, que autografa “Mulheres negras do Brasil”, com Érico, dia 5 de março no Senac Bistrô”.



MELÂNIA E WANDA
Representaram o País em Olimpíadas



MÔNICA CAMPOS
Primeira negra diplomata